

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS: UM ESTUDO DA UNIDADE TEMÁTICA – EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues¹

RESUMO: O presente texto realiza uma reflexão acerca da educação ambiental e de algumas atividades características dessa ação formadora de cidadãos comprometidos com a preservação da natureza. Essa proposta será veiculada em obras da literatura infantil. Visa desenhar alguns caminhos e/ou ações pedagógicas que podem ser desenvolvidas no ambiente escolar, seja em atividades formais ou informais, e estimular o hábito da leitura e da escrita, não apenas como atividade funcional, instrumental e pedagógica, mas principalmente como uma atividade lúdica e prazerosa. Para tanto, citaremos algumas obras da literatura infantil, de autores brasileiros, que tratam, explícita ou implicitamente, de alguns conceitos referentes à educação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental, Literatura infanto-juvenil.

STORY TELLING, READING AND TEXTUAL PRODUCTION: A STUDY OF THE THEMATIC UNIT – ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

This text aims at reflecting on environmental education and related activities published in juvenile literature which can contribute to the education of citizens committed to the preservation of nature. The objective is to design formal and informal pedagogical tasks to be developed in the classroom, and to stimulate the habit of reading and writing not only as functional, instrumental and pedagogical activities, but as a pleasurable activity. Therefore, there will be a selection of some juvenile literature books written by Brazilian authors that explicitly or implicitly present concepts concerning environmental education.

KEY WORDS: Environmental education, Juvenile literature.

1. Professora de Educação Física, Mestre em Educação Escolar Brasileira, Faculdade de Educação – UFG; diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/Colégio de Aplicação – UFG; integrante do Grupo Gwaya-Contadores de Histórias – Programa de Extensão do CEPAE/FL - UFG. E-mail: edvania@cepae.ufg.br.

INTRODUÇÃO

Pretendemos, com o presente artigo, realizar uma reflexão acerca da educação ambiental e de algumas atividades características dessa ação formadora de cidadãos comprometidos com a preservação da natureza, veiculando nossa proposta em obras da literatura infantil. O texto visa desenhar alguns caminhos e/ou ações pedagógicas que podem ser desenvolvidas no ambiente escolar, seja em atividades formais ou informais, mas também estimular o hábito da leitura e da escrita não apenas como uma atividade funcional, instrumental e pedagógica, mas principalmente como uma atividade lúdica e prazerosa. Para tanto, o texto foi elaborado em duas perspectivas: na primeira apresentamos a resenha de algumas obras da literatura infantil, de autores brasileiros que tratam, explícita ou implicitamente, de alguns conceitos referentes à educação ambiental, seja na narrativa, na poesia ou no texto de imagens. Em nosso entendimento, a compreensão do texto será conseguida de forma mais tranqüila se o leitor puder, por meio da leitura das resenhas, conhecer um pouco do conteúdo veiculado nas obras literárias selecionadas. Numa segunda perspectiva, fazemos algumas reflexões e tentativas de construção de metodologias significativas para o trabalho com textos literários no contexto da educação ambiental.

NARRATIVAS

ROCHA, Ruth. *Nicolau tinha uma idéia*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

Além de contar, de forma divertida e simples, a história do surgimento da instituição denominada escola, como espaço não apenas de transmissão do conhecimento, mas também como um espaço privilegiado da construção de novas idéias, Ruth Rocha nos conta de forma simpática como surgiram os primeiros registros da história da humanidade (feitos na pedra) e a maneira pela qual os homens e mulheres primitivos foram interagindo com a natureza, modificando-a e modificando a si próprios, na sua ação cotidiana, gerando saberes, comodidades e também alterando as feições naturais da terra.

SEGUIMOTO, Regina. *Anúncio de jornal*. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.

É uma obra da literatura que trata das questões ligadas ao ciclo vital humano e às emoções que envolvem o enfrentamento de uma criança com a situação de morte de um ente querido, no caso deste livro, a avó de Carlinhos. Narra também a evolução por que passam alguns bichos, como, por exemplo, as lagartas que viram borboletas. Além disso, discorre, de forma bem-humorada, sobre preocupações cotidianas com o uso de agrotóxico e a necessidade de cuidar de bichos doentes.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Tem contação de histórias no céu*. Ilustrações de Alberto Tolentino. Goiânia. Edição comemorativa dos 40 anos da UFG. CEPAE, 2001.

Tem contação de histórias no céu começa assim: “Aquele, realmente, era um ano que devia ser comemorado”. Mais adiante se justifica: “É que os homens tinham investido na educação de seus filhos”. E, assim, em cada página, constatamos os efeitos desse grande investimento feito pelos homens. A natureza foi preservada e/ou recuperada, os laços de amizade se fortaleceram e a solidariedade tomou conta do mundo, tornando-o qualitativamente melhor.

MACHADO, Ana Maria. *A jararaca, a perereca e a tiririca*. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Quinteto Editorial, [s.d.]

É uma narrativa rica em rimas e que trabalha a história e os conflitos da jararaca, da perereca e da tiririca, quando têm de enfrentar a invasão humana em seu *habitat* natural. A jararaca morre, a perereca foge e tem a oportunidade de conhecer do Oiapoque ao Chuí, e a tiririca fica para ver a mudança da paisagem, dos vizinhos, conhece as construções, muito cimento e pouco jardim...

HETZEL, Graziela Bozano. *A cobra e o grilo*. Ilustrações de Ivan Zigg. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

A convivência da jararaca que vivia chiando ao falar sssabão, sssacola, sssílvia. E o grilo que queria convencê-la a mudar o nome de sua filha de sssílvia para cricricristina. Toda essa confusão vai viabilizar uma conversa sobre a cadeia alimentar.

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre desenhos de Demóstenes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Questiona valores, retrata lembranças e desenha as feições da ingenuidade e desprendimento próprios do imaginário infantil. Uma peneira, um caixote e duas latas de goiaba. Quem seria capaz de construir um mundo a partir desses objetos? Duas crianças, duas histórias e muitas fantasias farão desses objetos aparentemente despropositados personagens de um mundo mágico cheio de sonhos vividos, rodeados por elementos da natureza.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otavio. *Azul e lindo planeta Terra nossa casa*. São Paulo: Salamandra, 1990.

O livro trata diretamente de questões específicas da preservação ambiental, na perspectiva da Terra, vista como nossa casa. Todos são cidadãos do mundo, portanto

todas as nações do mundo devem tomar conta daquilo que pertence a todos nós – a Terra e seus sistemas de preservação da vida. Assim nossa herança mais preciosa – a Terra – estará garantida para nós, para os nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos.

BONASSI, Fernando. *Vida da gente*. São Paulo: Formato, [s.d.].

Trata-se da coletânea de crônicas publicadas no suplemento “Folhinha de São Paulo”. É um livro em que o autor, usando de seu narrador menino, fala e nos faz pensar sobre política, escola, tribos urbanas, vida de índio, além de enfatizar que nem tudo que se joga fora é lixo... Filosofia, sociologia, literatura, ecologia, ciência – tudo isso faz parte do repertório do livro *Vida da gente*.

ZIRALDO, Alves Pinto. *Flicts*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

Assim, Carlos Drummond de Andrade apud Ziraldo (1984) apresentou o livro *Flicts*, em sua contracapa:

O mundo não é uma coleção de objetos naturais, com suas formas respectivas, testemunhadas pela evidência ou pela ciência;

o mundo são cores. A vida não é uma série de funções da substância organizada, desde a mais humilde até à de maior requinte, a vida são cores. Tudo é cor... Aprendo isso, tão tarde! com Ziraldo. Ou mais profundamente com Flicts... Quem é Flicts? ... Flicts é iluminação – afinal, brotou a palavra – mais fascinante de um achado: a cor, muito além do fenômeno visual, é estado de ser, e é própria imagem.

POESIA

MACHADO, Ana Maria. *O boto e a estrela*. Ilustrações de Ulisses Wensell. São Paulo: Letras & Letras, [s.d.].

Este livro trata de uma história de amor impossível entre um “boto esportivo e sonhador que saltava fora da água e imaginava que era um bicho voador, pelo meio das aves, ao lado dos cascos das navés”, e que um dia apaixonou-se por uma estrela cadente. Embora tudo tentasse, não conseguiu trazer sua amada para perto de si. E na sua busca quase louca foi conhecendo e reconhecendo tudo aquilo que o cercava no mar: bóias, redes, cais, faróis, rochedos, praias, coqueirais e toda “a beleza que não acabava mais”. Conhecendo melhor o seu espaço pôde respeitá-lo, amá-lo e conhecer-se melhor, valorizando outras realidades, mas vivendo melhor a sua realidade, conhecendo “várias botas lindas, no profundo azul do mar”.

BELINSKY, Tatiana. *Represália de bicho*. São Paulo: Editora do Brasil, [s.d.].

Bichos mansos e ferozes reunidos, certo dia, na clareira, se mostram ofendidos ao serem comparados aos homens.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Minerações*. Ilustrações de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: RHJ, 1991.

Ângela Vaz Leão, apud Queirós (1991) afirma na sua contracapa:

Há que se afinar o corpo até o último sempre. Exercer-se como instrumento capaz de receber a poesia do mundo”. É assim que Bartolomeu Campos Queirós inicia o seu livro-poema *Minerações*, um dos mais participantes de sua obra participante. Obra participante no sentido mais alto da palavra, porque compromete-

tida com o Homem e seus anseios de Liberdade, sintonizada com a Natureza e sua ânsia de Vida.

O poeta se afina, corpo e alma, “até o último sempre”, como instrumento sensível que é. Capta a música do mundo – as ressonâncias do silêncio, os acordes do inaudível. Capta a dança do mundo – os ritmos latentes, os frêmitos imperceptíveis do espaço-tempo. Capta a poesia do mundo – os sons da vida em segredo, os susurros inaudíveis do eterno.

Mas não apenas apreende a essência inapreensível. Afinado até a última corda, no fundo do ser – alquimista que é – o Poeta decompõe ritmos, imagens e sons, para criar uma nova música verbal, uma nova poesia. E do fundo do Eu demiurgo, brota um mundo novo, novinho como o primeiro dia da criação. Um universo reinventado.

ROCHA, Ruth. *As coisas que a gente fala*. Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998b.

Este livro é apresentado por Tatiana Belinsky da seguinte forma, na contracapa:

Tudo que a gente vê ou sente é expresso através de palavras. As palavras podem nos parecer duras, suaves, feias, bonitas. Podem servir para dizer verdades ou mentiras. Portanto, muito cuidado ao usar as palavras. Algumas vezes, elas podem armar uma tremenda confusão! O tema deste delicioso livro é o peso e a importância da palavra, a palavra que a gente diz sem pensar (ou por malícia), e que sai voando, se espalhando e aprontando.

TEXTO DE IMAGENS

RENÓ, Regina Coeli. *Que planeta é esse?* São Paulo: FTD, 1997.

A autora apresenta sua obra assim:

Yuri Gagarin, o primeiro astronauta a voar no espaço, em 1961, constatou emocionado que nosso planeta, a Terra, era azul. Muitos anos depois, também emocionado, o homem comum constata que o azul, antes tão anil, está se mesclando à cor cinza da de-

vastação, da poluição dos mares e rios, a cor melancólica da extinção dos pássaros e animais. A Amazônia, próxima para uns e distante para outros, é um dos exemplos mais fascinantes de desrespeito do homem com sua prima-mãe: a natureza.

Até quando essa pródiga mãe resistirá ao poder da destruição? Se Gagarin voltasse hoje ao espaço, você acredita que ele repetiria sua emocionada constatação? Você já se perguntou que planeta é esse?

LEDA MARIA. *O dia em que o papel acabou*. Ilustrações de Robson Araújo. Belo Horizonte: Lê, 1998.

Podemos nos deparar, por meio deste livro, com a imagem das situações que enfrentaríamos, caso um dia, realmente, todo o papel do mundo se acabasse. Na sua rica ilustração, ele nos mostra cenas de brincadeiras cotidianas realizadas no ambiente de sala de aula, tais como jogar aviãozinho, guerrear com bolinhas de papel, brincar com confetes..., sugerindo a diminuição da alegria e espontaneidade das crianças nas brincadeiras realizadas no dia-a-dia escolar. Pela falta de embalagens, o comércio seria inviabilizado – assim como a própria negociação, já que as notas, cédulas de cada país, também são confeccionadas de papel. Ah! O que seria do capitalismo sem o seu objeto mais valioso – o dinheiro? E a imprensa, o que seria da imprensa sem sua matéria-prima? A obra anuncia, ainda, o desaparecimento das bibliotecas, portanto, dos livros, sugerindo o surgimento de uma era das trevas, um buraco negro para o conhecimento humano, uma vez que o papel tem sido, ao longo do tempo, um dos principais facilitadores da transmissão do conhecimento e da preservação da memória da humanidade.

As dificuldades geradas pelo desaparecimento do papel não ficariam restritas à tristeza das crianças ou à possibilidade do retorno da humanidade a uma era de extrema dificuldade de registro e circulação do conhecimento produzido pelas diversas áreas. Haveria também a dificuldade de atender muitas de nossas necessidades geradas pela execução da higiene pessoal. Este livro só poderia mesmo, diante dessa problemática, terminar dizendo, em meio a uma paisagem de desolação: e agora?

Algumas considerações sobre a construção de metodologias significativas para o trabalho com textos literários no contexto da educação ambiental

A construção de metodologias significativas para o trabalho com textos literários, no contexto da educação ambiental, pode ser extremamente significativa. A experiência de proporcionar aos alunos a oportunidade de conversar sobre as idéias criativas que eles têm sobre qualquer assunto, inclusive sobre a preservação da natureza, e de vivenciar a circulação dessas idéias de diferentes formas, em pequenos e grandes grupos, os auxiliará na articulação de ações que possam vir a contribuir para a solução de algum problema vivido pelo grupo.

Nesse sentido, trabalhos como a produção de textos em diários, a construção de textos informativos em jornais, a organização de murais, a confecção de cartazes, a elaboração e a transcrição de entrevistas podem se constituir em importantes instrumentos para a viabilização da troca de experiências e informações sobre assuntos diversos de interesse individual e/ou coletivo.

A preocupação com o cuidado que se deve ter no trato com animais, sejam eles domésticos ou selvagens, por exemplo, pode suscitar a reflexão sobre as ações desenvolvidas por diversas organizações não-governamentais que atuam na área de preservação de animais e na eliminação do risco de extinção de várias espécies. A organização de grupos que levantem a situação de diferentes espécies de animais, aprofundando questões específicas da nossa região, e a realização de “campanhas”, às vezes, pequenas, porém extremamente ricas em seu potencial educativo, podem ser desenvolvidas a partir da leitura de livros literários.

Entretanto, é importante ressaltar que a palavra “campanha” é aqui utilizada com cuidado, visto que ela pode ser entendida como uma atividade factual que tem início, meio e fim e nem sempre são realizadas avaliações que possam comprovar sua eficácia na mudança de hábitos e comportamentos dos envolvidos em suas atividades.

Aqui se propõem atividades que, embora “batizadas” de campanhas, expressem em seu desenvolvimento o efetivo exercício de

reflexão, debate e tomada de decisão e que reflitam no cotidiano, tanto escolar quanto familiar, dos envolvidos no tema.

A experiência de solicitar às crianças que levem à escola seu animalzinho de estimação e/ou escrevam, descrevam oralmente e de forma sistematizada sobre os tipos de cuidado que a família dedica ao animal proporciona a construção de textos narrativos, poéticos ou de imagens pelos alunos, tendo como referencial as leituras apresentadas.

A organização de campanhas ou de projetos que tratem da resolução de problemas específicos detectados na vizinhança da escola (tais como acúmulo de lixo em terrenos baldios, de vasilhames espalhados – latinhas, garrafas e embalagens de várias espécies – pode ser desenvolvida de forma integrada às atividades cotidianas escolares. Essas atividades podem ser realizadas por meio de visitas, o que possibilita a construção da consciência da situação sanitária e da preservação ambiental do entorno da escola, gerando, projetos factuais e/ou permanentes que envolvam séries específicas da escola.

De acordo com o interesse gerado pela abordagem de conteúdos específicos de alguma disciplina, ou em projetos interdisciplinares, pode-se envolver as turmas de uma mesma série ou toda a escola, dependendo da característica do problema abordado e da metodologia escolhida para a realização do projeto.

A poesia, por exemplo, proporciona uma relação mais íntima entre a pessoa e o texto, possibilitando um olhar para além da técnica da escrita que aproxima, explora e evidencia as emoções, sentimentos, intenções. Propiciar situações para a criação artística, poética, seja na denúncia, seja na tentativa de solução dos problemas ambientais vividos cotidianamente, pode ser uma forma inovadora de enfrentar essas questões, através da criação, da exposição ou da publicação dos textos poéticos produzidos individual ou coletivamente.

Aqui, quando se fala em publicação, é importante esclarecer que nem sempre é possível uma publicação por meio de editoras, mas sim a construção de livros com papéis reciclados, com retalhos e outros materiais que certamente trabalharão não só o conteúdo educação ambiental e o gênero poesia, mas também a criatividade dos alunos. A utilização do lixo em reaproveitamento e/ou reciclagem de materiais descartáveis pode se constituir em momento rico para o uso

e abuso da criatividade das crianças, explorando seu interesse por construção artística e por atividades estéticas.

A pergunta “Que planeta recebeu de seus pais e qual planeta quer deixar como herança aos seus descendentes?” pode nortear muito das nossas ações em prol de uma educação ambiental desenvolvida no cotidiano de nosso lar, da nossa escola. Através dela orientamos nossos filhos e filhas e nossos alunos e alunas a não jogar lixo na rua, esclarecendo que os objetos largados por aí podem num futuro próximo entupir bueiros, provocar enchentes ou poluir mananciais de água potável que poderiam abastecer a cidade. Devemos ao mesmo tempo monitorar nossas atitudes, se estamos também com uma postura adequada diante dessas questões, pois “mais vale uma ação que mil palavras”. Esse trabalho tem importância pedagógica, visto que promove discussões e reflexões acerca das atitudes individuais e coletivas desenvolvidas em nosso dia-a-dia, com vistas à formação de cidadãos críticos e interventores na realidade social em que vivemos, de forma a conseguir uma melhoria da qualidade de vida da população, da família, e, conseqüentemente, de sua própria vida.

Um trabalho bastante significativo e que certamente poderá dar uma nova dimensão ao manuseio do livro de imagens é a sua projeção por meio de transparências, acompanhada de uma trilha sonora devidamente selecionada e preparada de acordo com o tema. Essa integração, da imagem e do som, cria um ambiente semelhante ao do cinema, gerando expectativas e resultados extremamente significativos para as crianças, que se sentem, então, estimuladas a debater o tema explorado pelo livro de imagens. Gera-se, assim, uma oportunidade importante de elas vivenciarem a experiência de ouvir explicações, entendimentos e interpretações diversas para uma mesma imagem, quando são colocadas em discussão as diversas interpretações geradas das imagens apresentadas.

É bem verdade que, na era da informática, muitas são as outras opções que se encontram disponíveis: mensagens podem ser enviadas através de inúmeros meios de comunicação eletrônicos. Mas, certamente, existem, ainda, milhares de funções realizadas pelo papel, cujo substituto imediato ainda não foi descoberto.

Talvez as preocupações ecológicas que assinalaram a transição do século XX para o século XXI venham a modificar a materialidade do livro, hoje feito de papel de celulose. Depois das placas de argila, papiros e pergaminhos do passado e dos volumes encadernados em papel do presente, talvez o futuro nos reserve livros de plástico, ou de algum material ainda em gestação em laboratórios de pesquisa. É pouco provável, porém, que seja desbancado pela tela dos computadores. Porque o livro, antes de mais nada, é um objeto e, como tal, atinge o leitor pelo tato – pela textura do papel, pela suavidade sedosa da capa; pelo olfato – o cheiro peculiar do papel de qualidade ou da obra rara descoberta num sebo; pela visão – sua forma e formato, sua diagramação, as imagens que o ilustram. Uma tela de computador não toma de assalto tantos sentidos ao mesmo tempo. Além disso, o livro tem a grande vantagem de [...] acompanhar seu leitor (cúmplice ou confidente) a todos os lugares, sob o braço ou dissimulado na bolsa, servindo-lhe de companhia, adaptando-se ao seu ritmo particular de leitura, fiel e paciente, funcionando sem fios, sem tomadas, sem outras preocupações. Não, o livro não há de desaparecer, tampouco as bibliotecas, seu reino privilegiado, caverna de Aladim reunindo preciosidades do espírito. (Silva, 2001)

É muito importante dizer que a prática da leitura deve ser estimulada não apenas no ambiente escolar, mas também em casa e em outros ambientes da comunidade: bibliotecas públicas, clubes, associações de bairros, acampamentos. Assim, estaremos contribuindo para a efetiva criação de um país com mais leitores.

Podemos, a partir dessas reflexões, organizar atividades que possam ampliar as vivências culturais adquiridas nas viagens realizadas nas páginas lidas, vividas e produzidas por nossos alunos, como forma de concretização de um projeto intencional de incentivo à leitura dentro e fora da escola. As rodas de leitura, os varais de poesia, os painéis de crítica literária, os círculos de leitura, as sessões de histórias lidas, apresentadas ou dramatizadas, o teatro de bonecos e de sombras são bons exemplos de como exercitar o nosso lado crítico e criador, diante das novas experiências com a leitura e escrita.

Embora até aqui tenhamos percorrido um caminho em que se pode vislumbrar um papel extremamente funcional para o trabalho

com a literatura em sala de aula, é necessário enfatizar o inconveniente de se trabalhar com a leitura apenas nessa perspectiva utilitária, esquecendo-se de proporcionar às crianças e aos adolescentes momentos ricos de leitura por puro prazer, curiosidade, divertimento, fantasia... Por isso é importante criar, manter e enriquecer a biblioteca de sala de aula com jornais, gibis, revistas, folhetos informativos que, certamente, enriquecerão o campo de alcance da leitura realizada em sala de aula.

A leitura e a escrita devem ser espaços de magia, alegria, encantamento e vibração e também devem contemplar os diferentes gêneros desde os gibis, jornais, revistas e livros literários até os textos de conteúdo científico etc. Este clima leve, alegre e gostoso é necessário porque a leitura e a escrita não convivem bem com as cobranças, imposições, nem com as punições e os medos, nem tampouco com os descasos e as repetições mecânicas, gerados por propostas de ensino autoritárias que não levam em consideração o aluno como sujeito ativo do processo de produção do conhecimento.

É necessário entender a leitura e a escrita como processos que envolvem vontade, oportunidade, prazer, desejos. Tais processos se instauram ora de forma solidária no compartilhar de experiências (leitura coletiva, comentários sobre leituras realizadas na sala de aula, em casa ou em conversas informais com os amigos, na contação de histórias pelas quais se está apaixonado), ora de forma solitária, no contato com as palavras que vão tomando significado, sentido, cheiro, cor, sabor... ora na leitura de uma produção própria, ou de um grande escritor ou de outra pessoa qualquer.

O incentivo à leitura passa, também, pelo exemplo dado pelo educador, pelos pais, amigos, parentes... O aluno deve ver o professor lendo e deve ler produções escritas do professor; mostrar sua opinião sobre os fatos e os conteúdos abordados em sala de aula, demonstrando que não existe interpretação única e que é sempre bom ter contato com várias interpretações de um mesmo fato, para refletir e formar opinião própria sobre o assunto. Certamente, ver os pais e os professores lendo e escrevendo contribuirá para o desvendar das múltiplas possibilidades de leitura e da escrita, como parte importante da construção de uma visão de mundo e do desenvolvimento da cidadania.

O exemplo é também um excelente aliado quando se fala em preservação ambiental. Aqui o ditado que precisa ser popularizado é “faça o que eu digo e repita o que eu faço: respeite a natureza”; ou “faça como eu faço: leia e escreva o que você pensa”.

Dada a importância do que foi dito nos parágrafos anteriores, torna-se necessário ressaltar que os processos de incentivo à leitura, à produção escrita, bem como de preservação da natureza são trabalhos sérios, sim, porém não devem ser sisudos. O brincar poético deve estar presente no processo de leitura e de produção escrita, tendo em vista que o lúdico mostra-se como um caminho que perpassa e enriquece os procedimentos criativos, constituindo-se como fonte e fortalecimento da capacidade de interação e criação. Portanto, esse brincar deve ser estabelecido também no processo de preservação de nosso ambiente, tendo em vista que preservar é, antes de qualquer coisa, um processo de interação homem-homem, homem-natureza e de criação e re-criação da vida. Nesse processo, portanto, a palavra, o gesto, a cor, o movimento deixam de ter significado usual e corriqueiro e adquirem outros sentidos e significados que geram um jogo de configuração poética, narrativa, dissertativa, desde que tratados de forma lúdica, alegre.

Lendo um trecho da novela “Campo Geral”, de Guimarães Rosa, sabe-se que vivia lá no sertão mineiro um menino meio calado, muito triste, que buscava entender as coisas. Chamava-se Miguilim, e arrastava na mesmice a tristeza de seus oito anos. Até que um dia aparecem na estrada dois homens a cavalo. Um, todo de branco, falou:

- Deus te abençoe, pequeninho. Como é teu nome?
- Miguilim. Eu sou irmão do Dito.
- E seu irmão Dito é o dono daqui?
- Não, meu senhor. O Ditinho está em glória. (Guimarães Rosa, 1976, p. 100)

O doutor quis falar com o pessoal da casa. Havia gente lá? Havia sim: a mãe, o tio Terez... Já na sala, saboreando o café, o estranho torna a reparar em Miguilim.

– Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...
E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

– Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma clareza, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo...
(Guimarães Rosa, 1976, p. 101)

A vida é assim. Miguilim poderia ter vivido toda sua existência sem descobrir que era míope, vendo tudo nublado, sem clareza, mas também sem ter a consciência de que sua visão era curta. Poderia envelhecer sem perceber “direito” muito das coisas e das pessoas que o cercavam. Mas, felizmente, o doutor apareceu em sua vida e colocou seus óculos à vista de Miguilim e ele pôde ver.

Também é assim com a leitura e a escrita: uma pessoa pode viver a vida inteira sem ler, sem escrever, mas quando essa pessoa tem contato com o mundo da leitura e da escrita, ela tem à sua disposição os dados do mundo com mais verdade ou mais dúvidas, mais crítica, mais detalhes, com mais encantamento, sonhos... A leitura é fundamentalmente a compreensão dos outros, do mundo, dos fatos, e a escrita, por sua vez, é o entendimento do sujeito. Juntas, elas nos auxiliam a enxergar além das letras e a criar além das palavras, portanto, a leitura e a escrita significam para nós, educadores e educandos, o que os óculos significaram para Miguilim em Campo Geral.

Os livros... a literatura, com seu encantamento e capacidade de envolvimento, certamente, podem, além de proporcionar prazer, entretenimento, também servir de lentes para uma melhor percepção e respeito pelo mundo que nos rodeia, pela natureza que nos alimenta, nos cerca e nos dá condições de viver, tanto individualmente, quanto de forma coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALVES PINTO, Ziraldo. *Flicts*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre desenhos de Demóstenes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BONASSI, Fernando. *Vida da gente*. São Paulo: Formato, [s.d.].
- BELINSKY, Tatiana. *Represália de bicho*. São Paulo: Editora do Brasil, [s.d.].
- GUIMARÃES ROSA, João. Campo Geral. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- HETZEL, Graziela Bozano. *A cobra e o grilo*. Ilustrações de Ivan Zigg. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- LEDA MARIA. *O dia em que o papel acabou*. Ilustrações de Robson Araújo. Belo Horizonte: Lê, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. *A jararaca, a perereca e a tiririca*. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Quinteto Editorial, [s.d.].
- MACHADO, Ana Maria. *O boto e a estrela*. Ilustrações de Ulisses Wensell. São Paulo: Letras & Letras, [s.d.].
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Minerações*. Ilustrações de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: RHJ, 1991.
- RENÓ, Regina Coeli. *Que planeta é esse?* São Paulo: FTD, 1997.
- ROCHA, Ruth. *Nicolau tinha uma idéia*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.
- ROCHA, Ruth; ROTH, Otavio. *Azul e lindo planeta terra nossa casa*. São Paulo: Salamandra, 1990.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Tem contação de histórias no céu*. Ilustrações de Alberto Tolentino. Goiânia. Edição comemorativa dos 40 anos da UFG. CEPAE, 2001.
- SEGUIMOTO, Regina. *Anúncio de jornal*. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.